

## Fatores associados à decisão familiar favorável à doação de órgãos pós-morte: atribuições da equipe de enfermagem – revisão integrativa da literatura

Ana Carolina Mendes Picone, Enfermagem, Centro Universitário Integrado, Brasil

Camila Pawelski, Enfermagem, Centro Universitário Integrado, Brasil,

[camila.pawelski@grupointegrado.br](mailto:camila.pawelski@grupointegrado.br)

### RESUMO

A doação de órgãos e tecidos pós-morte é fundamental para salvar vidas, mas enfrenta desafios no Brasil, principalmente relacionados à compreensão da morte encefálica e à decisão familiar. Este estudo teve como objetivo analisar como a abordagem humanizada da equipe de enfermagem influencia a decisão familiar favorável à doação. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, incluindo estudos publicados entre 2020 e 2025, sendo a maioria em português e um em inglês, que abordassem a atuação da enfermagem no processo de doação e a experiência das famílias. Os resultados mostraram que fatores como desconhecimento da vontade do falecido, crenças religiosas, medo, falta de informações e comunicação pouco acolhedora impactam a decisão familiar. A atuação humanizada do enfermeiro, com empatia, escuta ativa e orientação clara, aumenta a probabilidade de autorização para doação. Conclui-se que a comunicação e o cuidado humanizado são determinantes nesse processo, reforçando a importância de capacitação e preparo emocional dos profissionais.

**Palavras-chave:** Doação de Órgãos. Enfermagem. Humanização. Decisão Familiar.

### ABSTRACT

Organ and tissue donation after death is essential to save lives but faces challenges in Brazil, mainly due to families' understanding of brain death and decision-making. This study aimed to analyze how the humanized approach of the nursing team influences family consent for organ donation. An integrative literature review was conducted, including studies published between 2020 and 2025, most in Portuguese and one in English, addressing nursing roles and family experiences in the donation process. Results showed that factors such as lack of knowledge about the deceased's wishes, religious beliefs, fear, insufficient information, and inadequate communication affect family decisions. A humanized nursing approach, with empathy, active listening, and clear guidance, increases the likelihood of donation consent. It is concluded that communication and humanized care are crucial, highlighting the importance of professional training and emotional preparedness.

**Keywords:** Organ Donation. Nursing. Humanized Care. Family Decision.

### INTRODUÇÃO

A doação e o transplante de órgãos são práticas terapêuticas complexas, capazes de restaurar a saúde e prolongar vidas. No Brasil, esses procedimentos tiveram início em 1964 e evoluíram com os avanços científicos e tecnológicos, resultando

na criação de legislações específicas para regulamentar o processo, assegurando maior segurança, eficácia e transparência nas doações (Sindeaux et al., 2021). Trata-se de uma alternativa terapêutica essencial para pacientes com insuficiências terminais, realizada por meio de doadores vivos, indivíduos após parada cardiorrespiratória ou morte encefálica confirmada, conforme critérios clínicos e legais estabelecidos (Carvalho; Paiva, 2024).

O transplante é amplamente adotado mundialmente, embora exista grande desproporção entre a demanda e a oferta de órgãos e tecidos. Estima-se que sejam realizados aproximadamente 150 mil transplantes por ano, número que representa menos de 10% da necessidade global, evidenciando os múltiplos fatores que influenciam o sistema, tanto de forma positiva quanto negativa (Galante; Göttems; Goto, 2025).

Atualmente, o Brasil contabiliza mais de 62 mil pessoas na fila por transplantes de órgãos e tecidos, abrangendo indivíduos de diferentes faixas etárias e regiões do país. O cenário nacional ainda reflete os impactos da pandemia de COVID-19, que fomentaram desafios à retomada das metas de doação e transplante. Apesar de o país ocupar posição de destaque mundial no número de transplantes realizados e possuir um sistema público consolidado e regulamentado, persistem entraves como a baixa taxa de doadores efetivos, a elevada recusa familiar, as desigualdades regionais e as limitações estruturais e financeiras dos programas de saúde (Alves et al., 2024).

Nos últimos dez anos, a recusa familiar à doação de órgãos manteve-se elevada, com índices superiores a 40%, muito acima do parâmetro europeu, que é inferior a 10%. Em 2023, a taxa nacional de não autorização foi de 42%, variando conforme a região: enquanto um estado do Centro-Oeste apresentou 78%, outro estado da Região Sul registrou 27%, fato que expõe as diferenças de aplicação de políticas públicas dentro do mesmo país (Galante; Göttems; Goto, 2025).

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), por meio da Resolução nº 292/2004, estabeleceu normas específicas para a assistência do enfermeiro e da equipe no contexto de doação de órgãos. Posteriormente, a Resolução nº 358/2009 reforçou a obrigatoriedade do Processo de Enfermagem, definindo suas etapas e garantindo um cuidado sistematizado, ético e humanizado às famílias e pacientes envolvidos (Bezerra et al., 2023).

Participar do processo de doação de órgãos e tecidos vai além da execução de protocolos técnicos, envolvendo também dimensões sociais e éticas presentes nos cuidados de fim de vida. Para o enfermeiro, essa atuação representa um desafio profissional, exigindo sensibilidade para conciliar o cuidado ao paciente com a preservação dos órgãos para doação, garantindo um atendimento ético, seguro e humanizado (Alves et al., 2024).

Apesar dos avanços na área de transplantes, o número de doadores tem apresentado redução gradual, sendo a negativa familiar um dos principais obstáculos. Estudos indicam que aproximadamente metade das famílias não autoriza a doação de órgãos e tecidos de seus entes falecidos, o que contribui para a insuficiência de doadores frente à crescente demanda de pacientes em lista de espera (Fontenele et al., 2023).

Contudo, a recusa familiar, ainda representa um dos principais entraves à efetivação da doação, uma decisão que ocorre em um momento de grande fragilidade emocional, especialmente após o diagnóstico de morte encefálica. Nesse cenário, a forma como a equipe de enfermagem acolhe e comunica as informações à família pode influenciar diretamente na aceitação da doação, levantando a questão sobre quais os fatores e relação com as atribuições da equipe de enfermagem, que influenciam na decisão favorável a doação de órgãos por familiares de pacientes com diagnóstico de morte encefálica?

Diante disso, torna-se necessária a realização de uma revisão integrativa que sintetize as evidências disponíveis sobre os fatores determinantes na decisão familiar e o papel da equipe de enfermagem, visando subsidiar a prática clínica e orientar ações educativas e políticas públicas.

Salienta-se que a importância de compreender como a abordagem humanizada pode contribuir para reduzir recusas e ampliar o número de transplantes realizados, torna-se fundamental para melhoria da assistência a familiares, implicando na redução de filas de espera por transplantes. Portanto, este trabalho tem por objetivo elucidar os fatores que se relacionam à decisão familiar favorável à doação de órgãos pós morte, considerando as atribuições da equipe de enfermagem.

## MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, método que possibilita a busca, a avaliação crítica e a síntese das evidências disponíveis sobre determinado tema, resultando em uma visão abrangente do estado atual do conhecimento. Essa abordagem contribui para a incorporação de evidências na prática de enfermagem, favorecendo a tomada de decisão e a identificação de lacunas que orientam futuras pesquisas (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

Utilizou-se a estratégia PICO para formulação da pergunta de pesquisa, sendo P (População): Famílias de potenciais doadores de órgãos, I (Interesse): Fatores relacionados à decisão favorável, C (Contexto): Atribuições da equipe de enfermagem, O (Outcome): Facilitação do processo de doação. Formulou-se a questão: Quais fatores influenciam a decisão familiar favorável à doação de órgãos pós-morte e qual o papel da equipe de enfermagem nesse processo, segundo a literatura científica?

A pesquisa realizou-se nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Utilizou-se os descritores controlados e palavras-chave: “Enfermagem” AND “Doação de Órgãos”, “Família” AND “Doação de Órgãos”, “Potenciais Doadores” AND “Morte Encefálica”, “Doação de Órgãos” AND “Enfermagem”, “Abordagem” AND “Morte Encefálica”, “Profissionais de Saúde” AND “Doação de Órgãos”.

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos publicados entre 2020 e 2025; estudos originais, revisões sistemáticas e metanálises; textos completos disponíveis em português e inglês; pesquisas envolvendo famílias de potenciais doadores.

Foram excluídos teses, dissertações, resumos, editoriais; estudos que não abordassem o papel da equipe de enfermagem; e artigos sobre transplantes sem

foco na decisão familiar.

A seleção dos estudos ocorreu por meio da leitura sequencial de títulos, resumos e artigos completos.

Foi utilizada uma tabela padronizada contendo: Autor, ano de publicação, Objetivo do estudo, Tipo de estudo / metodologia, Qualis/Fator de impacto, Periódico, Categorias. E para verificação de Nível de Evidência, utilizou-se referência que visa os tipos de estudos selecionados, classificando de 1 a 5, sendo 1 com maior evidência e 5 menor (Galvão; Ricarte, 2024).

Os dados foram analisados de forma descritiva e integrativa, agrupando os fatores identificados, as intervenções de enfermagem e as evidências sobre a eficácia das estratégias utilizadas.

As estratégias de busca foram elaboradas por meio da combinação de descritores e palavras-chave, a partir dos operadores booleanos AND, de acordo com a Tabela 1.

Tabela 1 – Estratégia de busca, considerando base de dados, critérios de inclusão e exclusão, 2025.

Base de dados	Estratégias de busca	Número de artigos após critérios inclusão	Número de artigos após critérios de exclusão
Biblioteca Virtual em Saúde (BVS)	(Enfermagem) AND (Doação de Órgãos), (Família) AND (Doação de Órgãos), (Potenciais Doadores) AND (Morte Encefálica)	121	10
Scientific Electronic Library Online (SciELO)	(Doação de Órgãos) AND (Enfermagem), (Abordagem) AND (Morte Encefálica), (Profissionais de Saúde) AND (Doação de Órgãos)	41	4

Por se tratar de uma revisão integrativa, não foi necessária a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para construção deste estudo, foram respeitadas etapas bem definidas, pode-se verificar através do fluxograma abaixo, sendo exposto as etapas e separações em cada processo:

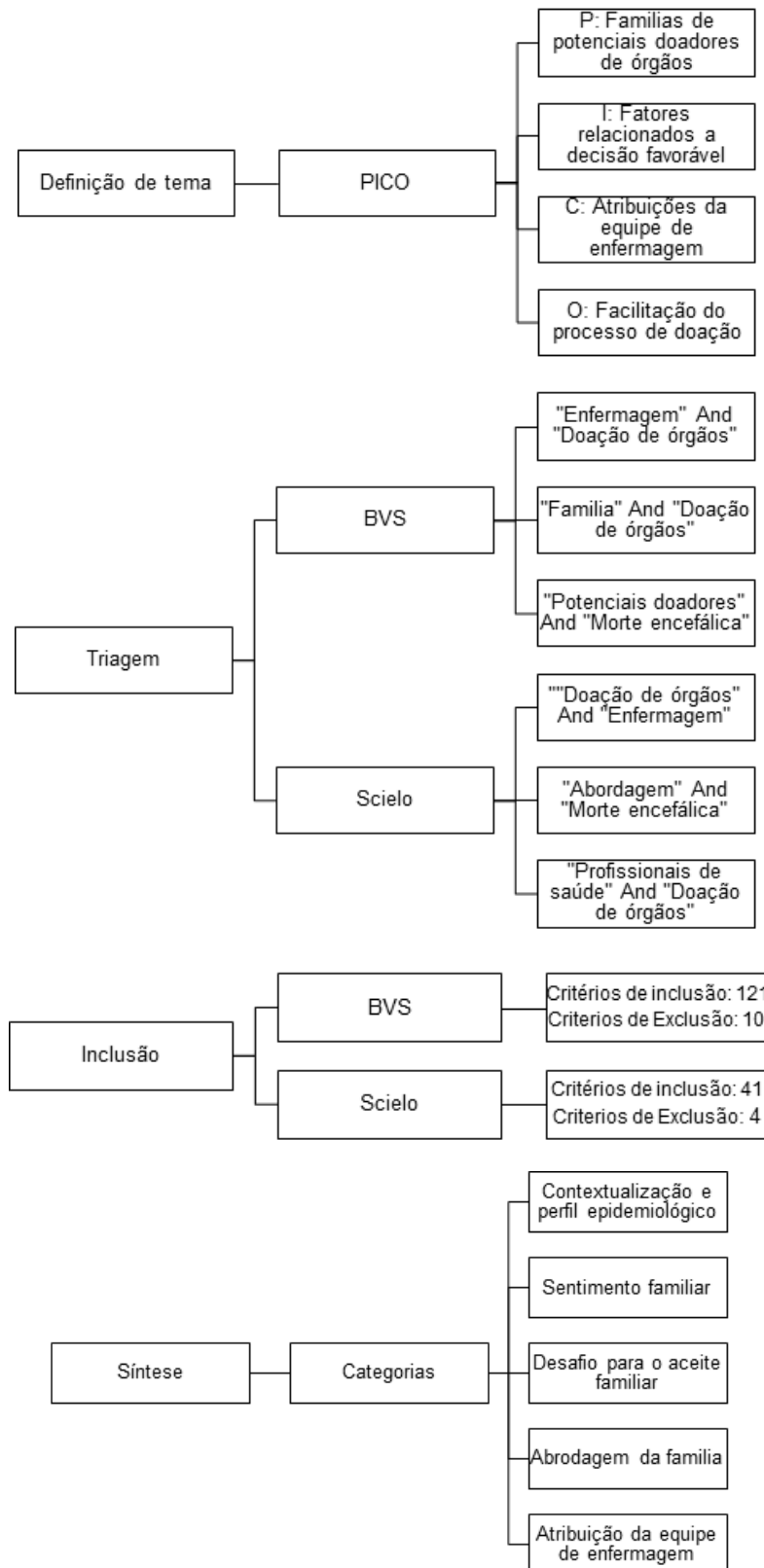


Figura 1 – Fluxograma de seleção dos estudos incluídos na revisão integrativa, 2025

Foram selecionados 14 artigos, sendo distribuídos nos periódicos Cuidado é Fundamental (1), Revista de Enfermagem - UFPI (2), Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde (1), Escola Anna Nery (1), Revista Cogitare Enfermagem (1), Revista Brasileira de Enfermagem - REBEn (2), Revista de Enfermagem UFMS - REUFMS (1), PLOS ONE (1), Revista Bioética (2), Revista Enfermagem - UERJ (1), Texto & Contexto Enfermagem (1).

Quando avaliado ano de publicação, foram selecionados 1 de 2025, 5 de 2024, 2 de 2023, 1 de 2022, 3 de 2021 e 2 de 2020, o que demonstra uma importante discussão sobre a temática, com demanda de temática abordada nos últimos anos. Para avaliar o nível de evidência dos artigos utilizados, considerou o tipo de estudo, obtendo 4 artigos de Revisão integrativa, 3 artigos Transversais e 7 artigos Qualitativos. O que resultou em maior quantidade de artigos com nível de evidência 4 e nível 5, ficando nível 1 com 4 artigos, nível 4 com 5 artigos e nível 5 com 5 artigos.

Quanto ao Qualis dos periódicos selecionados houve dificuldade de encontrar artigos publicados em Periódicos com Qualis A, tendo que selecionar Periódicos com Qualis B, ficando 1 artigo com Qualis A3, 3 artigos com Qualis A4, 8 artigos com Qualis B1 e 1 artigo com Qualis B2. Dentre os artigos selecionados, houve apenas um em Inglês, sendo classificado com Fator de Impacto 2,5. Para visualização da classificação e avaliação de artigos, segue a tabela abaixo:

Tabela 2 – Caracterização e avaliação de artigos selecionados para Revisão Integrativa, considerando objetivo geral, autores, tipo de estudo, Nível de evidência, Qualis (A ou B) ou fator de impacto, ano de publicação, periódico, em qual categoria foi utilizado, 2025.

Nome do Artigo	Objetivo Geral	Autores	Tipo de Estudo	Nível de Evidência	Qualis/Fator de Impacto	Ano de Publicação	Periódico	Subtítulo
Negativa familiar para doação de órgãos sob a perspectiva da bioética: revisão integrativa	Analisar as evidências científicas acerca de questões bioéticas envolvidas na negativa familiar para doação de órgãos.	Josenilton Matos Dias, Milene Dias Ferreira Magri, Cremilson de Paula Silva, Glílciane Morceli, Larissa Sales Martins Baquião, Marcela Souza	Revisão integrativa	1	B2	2025	Cuidado é Fundamental	Contextualização e Perfil Epidemiológico, Sentimento Familiar, Desafios para o Aceite Familiar

# SIMPAPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de  
Empreendedorismo,  
Pesquisa e Extensão  
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

Doar ou não doar: significados da negação familiar para a doação de órgãos e tecidos	Compreender os significados atribuídos por familiares sobre a negação para a doação de órgãos e tecidos.	Nóbrega Rafael Mondegó Fontenelle, Nivilly Reis Costa, Luiza Maria de Nóvoa Moraes, Walkíria Jéssica Araújo Silveira, Hariane Freitas Rocha Almeida	Qualitativo	5	B1	2023	Revista de Enfermagem UFPI	Sentimento Familiar, Desafios para o Aceite Familiar
Qualificação do(a) enfermeiro(a) que participa do processo de doação de doação de órgãos na morte encefálica	Conhecer a qualificação do enfermeiro no processo de doação de órgãos relatando como os artigos científicos abordam o tema.	Vanessa Aparecida Caetano Carvalho, Lays Rodrigues Paiva.	Revisão integrativa	1	B1	2024	Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde	Contextualização e Perfil Epidemiológico, Abordagem da Família, Atribuições da Equipe de Enfermagem
Biovigilância no processo de doação de órgãos e tecidos durante a	Identificar as estratégias desenvolvidas pelo enfermeiro capazes de	Sibele Maria Schuantes Paim, Neide da Silva Knihns, João Luis Erbs	Qualitativo	4	B1	2021	Escola Anna Nery	Atribuições da Equipe de Enfermagem

# SIMPAPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de  
Empreendedorismo,  
Pesquisa e Extensão  
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

pandemia: desafios para o enfermeiro	manter a biovigilância no processo de doação de órgãos e tecidos a fim de minimizar o risco de transmissão da COVID-19 entre doadores, receptores e equipes de saúde.	Pessoa, Aline Lima Pestana Magalhães, Laísa Fischer Wachholz, Patricia Treviso.						
Potenciais doadores de órgãos em morte encefálica: caracterização e identificação de diagnósticos de enfermagem	Identificar os diagnósticos de enfermagem de potenciais doadores de órgãos em morte encefálica segundo a Taxonomia NANDA-I	Gabriela Duarte Bezerra, Kyohana Matos de Freitas Clementino, Maria Isabel Caetano da Silva, João Emannuel Pereira Domingos, Isaac de Sousa Araújo, Eglídia Carla Figueiredo Vidal, Wonesk	Transversal	4	B1	2023	Revista Cogitare Enfermagem	Contextualização e Perfil Epidemiológico

# SIMPAPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de  
Empreendedorismo,  
Pesquisa e Extensão  
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

		a Rodríguez Pinheiro						
Mundo da vida do enfermeiro na doação de órgãos e tecidos	Compreender a experiência dos enfermeiros imersos no mundo da vida cotidiana da doação de órgãos e tecidos.	Karine de Melo Cezar Alves, Isabel Comassetto, Guilherme Oliveira de Albuquerque Malta, Regina Maria dos Santos, Gian Carlos Rodrigues do Nascimento, Igor Michel Ramos dos Santos	Qualitativo	5	A4	2024	Revista Brasileira de Enfermagem - REBEn	Sentimento Familiar
Prevalência e fatores associados ao diagnóstico de morte encefálica	Avaliar a prevalência de morte encefálica e os fatores associados.	Kércia Dantas Oliveira de Moura, Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes, Gerlene Grudka Lira, Emily Oliveira Duarte Fonseca, Rosana	Transversal	4	B1	2021	Revista de Enfermagem UFSM - REUFMS	Contextualização e Perfil Epidemiológico, Desafios para o Aceite Familiar

# SIMPAPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de  
Empreendedorismo,  
Pesquisa e Extensão  
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

		Alves de Melo						
Reading the family: A constructivist grounded theory on organ donation conversations	Conceituar e compreender o processo de abordagem das famílias para autorização de doação de órgãos a partir da perspectiva de profissionais de saúde e das famílias.	Lisette Avilés	Qualitativo	5	2.5	2024	PLOS One	Abordagem da Família
Transplante de órgãos e tecidos sob o olhar dos profissionais	Tecer considerações teóricas sobre a doação de órgãos e tecidos, destacando sua importância como alternativa terapêutica, os principais empecilhos para sua efetivação e o papel do	Maria do Carmo Fontella Soares, Leticia Westphalen Bento	Revisão Bibliográfica	1	B1	2024	Revista Bioética	Atribuições da Equipe de Enfermagem

# SIMPAPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de  
Empreendedorismo,  
Pesquisa e Extensão  
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

	profissional de saúde como educador e incentivador da participação social no processo.							
Equipe de enfermagem na doação de órgãos: revisão integrativa de literatura	Identificar ações e atividades da equipe de enfermagem dirigidas à família do potencial doador de órgãos em morte encefálica, a partir de revisão integrativa de literatura.	Clesyan e Alves Figueiredo, Aline Maino Pergola-Marconato, Maria Giovana Borges Saidel	Revisão integrativa	1	B1	2020	Revista Bioética	Sentimento Familiar, Abordagem da Família
A experiência de famílias não doadoras frente à morte encefálica	Compreender a experiência vivenciada de famílias de adultos frente à morte encefálica e a opção pela	Gabriela Camponogara Rossato, Nara Marilen e Oliveira Girardon-Perlini, Silvana Bastos Cogo, Elisabet	Qualitativo	5	A4	2020	Revista Enfermagem UERJ	Sentimento Familiar

# SIMPAPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de  
Empreendedorismo,  
Pesquisa e Extensão  
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

	não doação de órgãos.	a Albertin a Nietsch e, Angélic a Dalmoli n						
Recusa familiar de doação de pele para transplante: tendência e fatores associados	Analisar a tendência e os fatores associados à recusa familiar de doação de pele para transplante.	Karoline de Oliveira Lins Souto, Rafael Rodrigo da Silva Pimentel, Ágata Nunes Brito, Edvaldo Leal de Moraes, Marcelo José dos Santos.	Transversal	4	A4	2024	Revista Brasileira de Enfermagem REBEn	Desafios para o Aceite Familiar
Fatores que influenciam no cuidado dos familiares de pacientes em morte encefálica	Compreender os fatores intervenientes decorrentes do cuidado de Enfermagem aos familiares de pacientes com diagnóstico de morte encefálica.	Murilo Pedro Alves, Franciel e Rodrigues Estácio, Maria Eduarda Grams Salum, Maria Vitória de Azeredo Knoblauch, Alacoque Lorenzini Erdmann	Qualitativo	5	B1	2021	Revista de Enfermagem REUFPI	Atribuições da Equipe de Enfermagem
Morte Encefálica:	Compreender a vivência	Neide da Silva Knihns,	Qualitativo	4	A3	2022	Texto & Contexto	Atribuições da Equipe

Vivência da Equipe de Saúde Junto aos Pais de Crianças e Adolescentes	da equipe de saúde junto aos pais de crianças e adolescentes durante as etapas do protocolo de morte encefálica.	Ariadne Matzembacher da Silva, Juliana dos Santos, Rosi Meri da Silva, Sibeles Maria Schuanes Paim, Vanessa Silva e Silva, Maria Augusta Dietrich, Maria Lígia dos Reis Bellaguarda.						Enfermagem de Enfermagem
---	--	--	--	--	--	--	--	--------------------------

### 3.1 Contextualização e Perfil Epidemiológico de pacientes doadores de órgãos

No Brasil, a doação de órgãos e tecidos pode ocorrer após a confirmação da morte encefálica ou da parada cardiorrespiratória. A morte encefálica corresponde à cessação irreversível de todas as funções cerebrais, sendo diagnosticada por dois exames clínicos e um exame complementar, realizados por médicos distintos, sendo assim possível a doação de órgãos e tecidos (Bezerra et al., 2023). Já a morte por parada cardiorrespiratória permite apenas a doação de tecidos, como córneas, esclera, ossos, tendões, pele e válvulas cardíacas (Dias et al., 2025).

A notificação da Morte Encefálica (ME), por sua vez, é obrigatória e deve ser encaminhada à Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos (CNCDO). Sua execução inicia-se após a identificação de um possível paciente em ME, ocorrendo a abertura do protocolo, onde o paciente é considerado potencial doador, passando por avaliações, exames clínicos e de imagem. Quando este segue para confirmação de ME, torna-se necessária a autorização da família para a efetivação da doação (Moura et al., 2021).

O transplante de órgãos, por sua vez, é um processo complexo que envolve a retirada de órgãos e/ou tecidos de um doador para posterior implantação em um receptor, configurando a chamada doação-transplante. Esse procedimento pode ter início a partir da identificação do Potencial Doador, que pode ser um doador vivo, um indivíduo com diagnóstico confirmado de morte encefálica ou ainda um doador

após parada cardiorrespiratória, conforme critérios clínicos e legais estabelecidos. Nesses casos, a efetiva captação dos órgãos ou tecidos caracteriza a transição de potencial doador para doador efetivo (Bezerra et al., 2023).

Assim, a concretização do transplante depende da correta identificação do potencial doador, do cumprimento das normas clínicas e legais e da autorização da família. A partir da captação, ocorre a passagem de potencial para efetivo, possibilitando a realização do transplante (Carvalho; Paiva, 2024).

Em relação ao perfil de pacientes com diagnóstico de ME, observa-se que potenciais doadores de órgãos e tecidos, tem predominância do sexo masculino, população adulta e resultantes principalmente de Acidente Vascular Encefálico (AVE), seguido de Traumatismo Crânio Encefálico (TCE). Quanto à raça/cor, predominou a parda, refletindo a composição demográfica da região Nordeste, e em relação ao estado civil, a maioria dos doadores eram solteiros (73,9%), evidenciando o perfil sociodemográfico característico desses pacientes (Bezerra et al., 2023).

### **3.2 Sentimento familiar frente a doação de órgãos**

A perda de um ente querido representa um momento traumático, marcado por sentimentos intensos de dor, medo, raiva, angústia e desespero. Essas emoções contraditórias tornam a família vulnerável e fragilizada. Nesse contexto, a abordagem para a decisão sobre a doação de órgãos e tecidos, muitas vezes realizada de forma precoce, pode gerar resistência ou afastamento, devido à dificuldade de lidar com o luto (Fontenele et al., 2023).

As famílias frequentemente se sentem pressionadas a decidir rapidamente sobre a doação de órgãos, sendo essencial respeitar um intervalo de tempo adequado para reflexão. Fatores como comunicação inadequada, desconhecimento da vontade do falecido, revolta e choque pela morte inesperada influenciam diretamente a decisão. Esses aspectos reforçam a necessidade de uma abordagem humanizada e sensível durante o processo de doação (Rossato et al., 2020).

Na doação de órgãos, os princípios bioéticos da autonomia e da beneficência orientam a prática profissional. Respeitar a vontade do falecido e oferecer às famílias informações claras e apoio emocional é fundamental. A empatia e o respeito aos sentimentos familiares são elementos indispensáveis para uma abordagem ética e humanizada (Dias et al., 2025).

O vínculo entre a família e a equipe de enfermagem é fortalecido pela convivência e pela proximidade durante o cuidado ao paciente. A família recorre aos profissionais de enfermagem para esclarecer dúvidas e receber orientações sobre o processo de doação, o que aumenta a confiança e facilita uma abordagem acolhedora (Figueiredo; Pergola-Marconato; Saidel, 2020).

As considerações éticas na doação de órgãos, baseadas nos princípios da autonomia, beneficência, não maleficência e justiça, orientam a prática clínica e o diálogo com as famílias. A comunicação empática e culturalmente sensível, aliada à educação permanente dos profissionais de saúde, contribui para uma abordagem respeitosa e humanizada, favorecendo uma decisão informada (Dias et al., 2025).

Quando os enfermeiros participam ativamente do processo de doação, as famílias destacam a importância do vínculo construído com esses profissionais para o enfrentamento da perda. A gentileza, a compaixão e a atenção prestadas pela enfermagem são reconhecidas como fatores que tornam a experiência menos dolorosa e podem influenciar positivamente a decisão de doar órgãos (Alves et al., 2024).

### 3.3 Desafios para o aceite familiar a doação de órgãos

Entre os principais motivos relatados pelas famílias estão: desconhecimento da vontade do falecido, desejo de manter o corpo íntegro, crenças religiosas, demora na liberação do corpo, falhas na comunicação e clareza das informações, além de abordagem com excesso de tecnicismo e pouca empatia (Fontenele et al., 2023). A recusa familiar é um dos principais impedimentos para a doação, resultando na perda de oportunidades de salvar vidas e comprometendo a sobrevivência e qualidade de vida de pacientes que aguardam transplante (Dias et al., 2025).

A doação de órgãos é um ato de solidariedade que permite salvar vidas, mas a recusa familiar ainda representa um dos maiores desafios para a efetivação dos transplantes. Diversos fatores influenciam essa decisão, como crenças culturais e religiosas, aspectos emocionais e falhas na comunicação entre equipe e familiares. Além disso, o desconhecimento sobre o diagnóstico de morte encefálica e o processo de doação contribui para a resistência. Assim, a sensibilização e o diálogo humanizado são fundamentais para aumentar as taxas de aceitação familiar (Souto et al., 2024).

No Brasil, a efetivação dos transplantes depende da autorização familiar, mesmo quando o indivíduo manifesta em vida o desejo de ser doador. Diversos fatores dificultam esse processo, como as baixas taxas de notificação de potenciais doadores, contraindicações médicas, atrasos no diagnóstico de morte encefálica, além de influências culturais, religiosas e falta de informação (Dias et al., 2025).

A decisão dos familiares quanto à doação de órgãos pode ser influenciada por fatores como o desconhecimento da vontade do paciente, crenças religiosas, insatisfação com a equipe médica e ausência de uma assistência humanizada. Quando o atendimento não atende às expectativas da família, há maior tendência à recusa. Nesse contexto, a humanização do processo torna-se essencial, pois contribui para reduzir o sofrimento familiar e favorece a autorização para a doação de órgãos e tecidos (Moura et al., 2021).

Embora a maioria dos brasileiros demonstre intenção de doar órgãos após a morte, apenas cerca da metade comunica essa decisão a familiares ou pessoas próximas. Essa falta de diálogo representa um dos principais entraves à efetivação da doação, uma vez que no país não há um registro oficial obrigatório de doadores, tornando indispensável a manifestação familiar (Dias et al., 2025).

### 3.4 Abordagem da família de possíveis doadores de órgãos e papel do enfermeiro nesse processo

As conversas sobre doação de órgãos após a morte acontecem, quase em sua maioria, em momentos de perda súbita para as famílias, não tendo sido abordadas em vida pelos pacientes que serão possíveis doadores, dificultando muitas vezes, a ideia de que esses eram a favor de doação de órgãos (Avilés, 2024).

Dentre as estratégias eficazes para aumentar a aceitação familiar, destacam-se a comunicação e o acolhimento, principalmente por parte da equipe de saúde, com ênfase na enfermagem, que atua na identificação de potenciais doadores, manutenção da viabilidade dos órgãos e suporte emocional às famílias. Quando há vínculo de confiança com os profissionais de enfermagem, os desfechos quanto à aceitação familiar apresentam maiores chances de sucesso (Figueiredo; Pergola-Marconato; Saidel, 2020).

Diretrizes e cursos simulados orientam que os profissionais que devem participar na abordagem, sejam médicos, enfermeiros, psicólogos e assistentes sociais, por serem os mesmos que participam do processo assistencial a pacientes e seus familiares. Mas em países como Reino Unido e Chile, apenas enfermeiros especialistas conduzem essas conversas, aplicando formação específica, estratégias de comunicação e competências profissionais (Avilés, 2024).

O enfermeiro, ao demonstrar competência técnica e sensibilidade, assume papel de liderança no processo de doação de órgãos, atuando como facilitador junto à equipe multidisciplinar. Diante da complexidade que envolve esse contexto, preocupa-se especialmente com a família, respeitando sua autonomia e contribuindo para que a experiência seja conduzida de forma mais humanizada e positiva (Carvalho; Paiva, 2024).

### **3.5 Atribuição da equipe de enfermagem, com ênfase no profissional enfermeiro para doação de órgãos**

A equipe de enfermagem, além de prestar assistência direta ao paciente com diagnóstico de morte encefálica, exerce papel essencial no acolhimento aos familiares, que enfrentam a dor da perda e o processo de luto. Esse cuidado humanizado contribui para minimizar o sofrimento e pode favorecer a aceitação da doação de órgãos e tecidos, tornando-se um elo fundamental entre a perda e a possibilidade de salvar outras vidas (Estácio et al., 2021).

O enfermeiro desempenha um papel estratégico no processo de doação de órgãos, atuando na orientação e no suporte à família, além de garantir assistência de qualidade ao paciente. Suas atribuições incluem a identificação e notificação de potenciais doadores, o acolhimento familiar, o registro e a documentação do processo, bem como a coordenação das rotinas da Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante (CIHDOTT) (Carvalho; Paiva, 2024). Diante do diagnóstico confirmado de morte encefálica, todos os esforços da equipe multiprofissional, incluindo a enfermagem, são direcionados à viabilização dos órgãos e tecidos para doação e transplante. Nesse contexto, os enfermeiros desempenham ações voltadas à estabilização clínica do paciente, preservando a integridade dos órgãos, bem como à comunicação com os familiares, esclarecendo dúvidas e solicitando a autorização para o início do processo de doação, conforme previsto na Lei nº 10.211/2001 (Estácio et al., 2021).

A atuação do enfermeiro na captação e doação de órgãos envolve planejar, coordenar, supervisionar e avaliar os cuidados prestados ao potencial doador. Para isso, é necessário que o profissional esteja devidamente capacitado, de modo a garantir a viabilidade do maior número possível de órgãos, contribuindo para o aumento das doações e a redução das filas de transplante. Um atendimento qualificado fortalece a confiança das famílias e minimiza resistências decorrentes de dúvidas ou desconfiança no processo (Soares; Bento, 2024).

Também é de sua responsabilidade promover ações de educação em saúde voltadas à população e à equipe multiprofissional, abordando temas como morte encefálica e a importância da doação (Carvalho; Paiva, 2024).

Como membro essencial da equipe de saúde, o enfermeiro enfrenta diversos desafios relacionados às condições de trabalho, à segurança e à complexidade do cuidado. No contexto da doação de órgãos, sua atuação requer preparo técnico, equilíbrio emocional e capacidade de coordenação, assegurando a continuidade da assistência e a viabilidade dos órgãos. Além disso, deve promover um ambiente de confiança e acolhimento, garantindo um processo ético, seguro e humanizado (Paim et al., 2021).

O Protocolo de Diagnóstico de Morte Encefálica (PDME) é composto por etapas específicas que devem ser rigorosamente seguidas pela equipe multiprofissional de saúde. De acordo com a legislação brasileira vigente, o processo envolve a comunicação sobre a necessidade de abertura do protocolo, o esclarecimento de cada fase junto aos familiares, a realização dos exames clínicos e complementares, a devolutiva sobre os resultados obtidos, o acolhimento à família, a manutenção hemodinâmica do paciente e, por fim, a comunicação do óbito após a confirmação dos resultados (Knihs et al., 2022).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão evidenciou que a doação de órgãos e tecidos após a morte ainda enfrenta diversos desafios no Brasil, principalmente devido à dificuldade das famílias em compreender a morte encefálica e autorizar a doação. O perfil dos doadores é predominantemente de adultos jovens, vítimas de Acidente Vascular Encefálico (AVE) ou Traumatismo Crânio Encefálico (TCE), o que reforça a importância da identificação precoce e do cuidado adequado com esses pacientes ainda em vida. Observou-se que a decisão familiar ocorre em um momento de intensa dor e fragilidade. Nesse contexto, a forma como a equipe de enfermagem se comunica e acolhe a família assume papel determinante. Quando há empatia, escuta ativa e respeito, o sofrimento é amenizado e a decisão de doar pode se transformar em um gesto de amor e solidariedade.

Os principais motivos de recusa familiar permanecem associados ao desconhecimento da vontade do falecido, às crenças religiosas, ao medo, à falta de informações e à comunicação pouco acolhedora. Esses fatores evidenciam a necessidade de que os enfermeiros estejam preparados, com sensibilidade e segurança, para orientar e apoiar as famílias nesse momento delicado.

O estudo também destacou que o enfermeiro exerce papel essencial em todo o processo de doação, desde a manutenção clínica do paciente até o acolhimento e

a orientação da família. Sua atuação humanizada e atenta contribui para fortalecer a confiança e pode aumentar as chances de autorização para a doação.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se o recorte temporal de publicações entre 2020 e 2025 e a inclusão de artigos apenas em português e um em inglês, o que pode ter restringido a abrangência das evidências encontradas.

Conclui-se que a decisão familiar favorável à doação de órgãos está diretamente relacionada à forma como a equipe de enfermagem se comunica e acolhe, demonstrando respeito, empatia e humanidade. Sugere-se que novos estudos investiguem como a capacitação e o preparo emocional dos profissionais influenciam esse processo. Para a enfermagem, esta pesquisa reforça a importância do cuidado humanizado como elemento essencial para transformar a dor da perda em esperança de vida para outras pessoas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder discernimento, força e serenidade para seguir adiante mesmo nos momentos mais difíceis, e a Nossa Senhora Aparecida, por interceder por mim durante toda essa trajetória.

Aos meus pais, Sérgio Azevedo Picone e Márcia Regina Mendes Picone, por todo amor, dedicação e por acreditarem em mim desde sempre. Cada gesto de carinho, palavra de incentivo e sacrifício feito por vocês me permitiu chegar até aqui e realizar não só o meu sonho, mas também o de vocês. À minha família, meu porto seguro e base de tudo, deixo minha eterna gratidão.

À minha professora orientadora Camila Pawelski, pela paciência, compreensão e por cada orientação que contribuiu não apenas para este trabalho, mas também para meu crescimento pessoal e profissional, e a todas as demais professoras que me apoiaram.

Aos amigos que estiveram ao meu lado durante essa caminhada, por cada risada, conversa e incentivo nos momentos de cansaço.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Cada gesto de apoio, palavra e demonstração de afeto foram essenciais para que este sonho se tornasse realidade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, K. M. C. et al. O mundo da vida do enfermeiro na doação de órgãos e tecidos. **Revista Brasileira de Enfermagem REBEn**, Alagoas, Brasil, 2024.

Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC11893057/>. Acesso em: 29 set. 2025.

AVILÉS, L. Reading the family: a constructivist grounded theory on organ donation conversations. **PLOS ONE**, 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0312462>. Acesso em: 7 set. 2025.

BEZERRA, G. D. et al. Potenciais doadores de órgãos em morte encefálica: caracterização e identificação de diagnósticos de enfermagem. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/ce.v28i0.87978>. Acesso em: 16 out. 2025.

- CARVALHO, V. A. C.; PAIVA, L. R. Qualificação do(a) enfermeiro(a) que participa do processo de doação de órgãos na morte encefálica. **Revista Enfermagem Atenção Saúde**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422020281369>. Acesso em: 4 mai. 2025.
- DIAS, J. M. et al. Negativa familiar para doação de órgãos sob a perspectiva da bioética: revisão integrativa. **Cuidado é Fundamental**, 2025. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/13607/13187>. Acesso em: 27 set. 2025.
- ESTÁCIO, F. R. et al. Fatores que influenciam no cuidado dos familiares de pacientes em morte encefálica. **Revista de Enfermagem da UFPI**, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/822/2149>. Acesso em: 23 set. 2025.
- FIGUEIREDO, C. A.; PERGOLA-MARCONATO, A. M.; SAIDEL, M. G. B. Equipe de enfermagem na doação de órgãos: revisão integrativa de literatura. **Revista Bioética**, Brasília, v. 28, jan./mar., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422020281369>. Acesso em: 4 mai. 2025.
- FONTENELE, R. M. et al. Doar ou não doar: significados da negação familiar para a doação de órgãos e tecidos. **Revista de Enfermagem da UFPI**, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/3613/3703>. Acesso em: 4 mai. 2025.
- GALANTE, A.; GÖTTEMS, L. B. D.; GOTO, T. A. Análise fenomenológica de vivências psicológicas que motivaram a não doação de órgãos no Brasil. **Brazilian Journal of Transplantation**, v. 28, 2025. Disponível em: [https://doi.org/10.53855/bjt.v28i1.681\\_PORT](https://doi.org/10.53855/bjt.v28i1.681_PORT). Acesso em: 14 ago. 2025.
- GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Dos níveis de evidência à revisão sistemática mista, viva e contextualizada. **LOGEION: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-27, e-7267, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21728/logeion.2024v11n1e-7323>. Acesso em: 25 set. 2025.
- KNIHNS, N. S. et al. Morte encefálica: vivência da equipe de saúde junto aos pais de crianças e adolescentes. **Texto & Contexto Enfermagem**, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/NkVWTBwyr8wpYq5RwpWBBKs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2025.
- MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758–764, out./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzZ7VZ4RZfW6V9bQpL9nQ7C/?lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2025.
- MOURA, K. D. O. et al. Prevalência e fatores associados ao diagnóstico de morte encefálica. **Revista de Enfermagem UFSM**, Santa Maria, RS, v. 11, 2021. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2021/05/1222374/53157-285888-1-pb.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2025.
- PAIM, S. M. S. et al. Biovigilância no processo de doação de órgãos e tecidos durante a pandemia: desafios para o enfermeiro. **Escola Anna Nery**, 2021. Disponível em:

# SIMPAR

Simpósio de Pesquisa, Extensão e Inovação do Paraná

Realização



Núcleo de  
Empreendedorismo,  
Pesquisa e Extensão  
Integrado

Apoio



FUNDAÇÃO  
ARAUCÁRIA  
Apoio ao Desenvolvimento Científico  
e Tecnológico do Paraná

<https://www.scielo.br/j/ean/a/vpp3Pf8CqF7fRwBw5ZmRdNs/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 5 out. 2025.

ROSSATO, G. C. et al. A experiência de famílias não doadoras frente à morte encefálica. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.51140>. Acesso em: 15 set. 2025.

SINDEAUX, A. C. A. et al. Cuidados de enfermagem dispensados ao potencial doador de órgãos em morte encefálica: uma revisão integrativa. **Revista Nursing**, v. 24, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36489/nursing.2021v24i272p5128-5147>. Acesso em: 12 abr. 2025.

SOARES, M. C. F.; BENTO, L. W. Transplante de órgãos e tecidos sob o olhar dos profissionais. **Revista Bioética**, v. 32, Brasília, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-803420243663PT>. Acesso em: 6 set. 2025.

SOUTO, K. O. L. et al. Recusa familiar de doação de pele para transplante: tendência e fatores associados. **Revista Brasileira de Enfermagem REBEn**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/b7tcGqTBFDWk46NwdLF34Ht/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 out. 2025.